

A Pseudonímia e a Poesia Renegada de Carlos Drummond de Andrade

Lucila Nogueira

Professora do Departamento de Letras da UFPE

Fascinado pela atividade jornalística desde a época escolar Carlos Drummond de Andrade começa sua atividade de cronista e poeta no Diário de Minas em 1920. Nesse ponto iniciou sua carreira poética, como muitos outros nas páginas dos periódicos. Em **Horizontes Modernistas**¹, a professora Maria Zilda Ferreira Cury destaca o processo evolutivo do poeta desde o *Diário de Minas*, em 1920 até o lançamento de *A Revista* em 1925. Onde já estão presentes, conforme destaca Ana Maria Casasanta Peixoto o olhar arguto sobre o cotidiano da cidade, sinais do seu humor *gauche*, o compromisso com o futuro do país, a sensibilidade às questões sociais, o sentimento de empatia para com o seu semelhante²,

Na bibliografia da autora consta artigo de Philippe Willemart voltado à gênese do texto³, bem como participação da autora, no volume *Manuscrita*, editado em São Paulo pela Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário⁴. A pesquisa, feita no *Diário de Minas*, no período mencionado, permite igualmente uma recomposição da Belo Horizonte dos anos vinte, com seu ar provinciano e seus poucos milhares de habitantes. Conforme observa Ciro Bandeira de Melo em prefácio à publicação⁵, impressiona que em um simples jornal de quatro páginas, em meio a publicidades políticas e comerciais, surjam poemas e temas característicos de uma renovação literária. O próprio Drummond diria: *o que é um jornal? É a crônica da vida da gente*⁶.

E na vida literária de BH havia a efervescência das novidades modernistas, apesar do feito do *Diário de Minas* ser, de certo modo, conservador.

Tratava-se de uma oscilação entre modernidade e tradição e formava-se uma elite cultural em que o jornal atuava de modo positivo e renovador.

Quem eram eles, afinal? Carlos Drummond, Emílio Moura, João Alphonsus, Pedro Nava, Aníbal Machado, Ascânio Lopes, Alberto Campos, Abgar Renault, Aquiles Vivácqua, Milton Campos, Mário Casassanta e outros, quase todos adolescentes, desejosos de tomar posse da cidade que permanecerá para sempre impressa na memória e em seus escritos posteriores. Eram os “desatinados rapazes” da Rua da Bahia, do Bar do Ponto, da Livraria Alves, jovens intelectuais empenhados em calorosas discussões, envolvidos nos discretos namoros de então, participantes da vida acadêmica. Todos eles publicavam na imprensa, ávidos por “mostrar” sua escrita e seus anseios de modernidade⁷.

Os poemas, crônicas, críticas literárias e artigos políticos pesquisados, inéditos ainda em livro permitem a observação das características específicas do grupo modernista mineiro, que tinha Drummond como líder, assim como o modernismo português teve em Lisboa o condutor Fernando Pessoa.

Maria Zilda Ferreira Cury salienta que apesar de desprezada no passado por alguns como trabalho menor, a consulta às fontes primárias pode ser essencial para a redefinição de concepções já estabelecidas, permitindo ver na produção final do poema, do conto, do romance um palimpsesto de inúmeras outras escritas; o desafio desse trabalho é a desmistificação do “texto final”; estudos dessa natureza, em que se lida com a fonte primária, sofrem preconceito ainda por conta do trabalho artesanal que eles pressupõem – Philippe Willemart chega a afirmar que, eles assustam porque as primeiras etapas exigem uma dedicação imensa por parte do pesquisador⁸.

Sua compreensão textual estará mais desenvolvida no livro *Bastidores da Criação Literária*, onde são reunidos os vários artigos escritos na década de noventa, bem como em *Universo da Criação Literária*, de 1993⁹.

A colaboração inicial da publicação nos jornais de Minas com Carlos Drummond de Andrade foi realizada por Fernando Py, que acolheu sugestão do poeta e ensaísta Gilberto Mendonça Teles no sentido de limitar sua pesquisa ao período 1918-1930. O livro, a que chamou *Bibliografia Comentada de Carlos Drummond de Andrade* (1918 a 1930) foi editado em 1980, pela José Olympio,

sendo reeditada no centenário do poeta, 2002, pela Casa de Rui Barbosa¹⁰, estendendo o campo de pesquisa até 1934.

Em trabalho minucioso, Fernando Py enuncia as publicações de Drummond desde *Vida Nova*, a mais antiga peça de CDA impressa em letra de forma até o período final mencionado. Trata-se de um comentário sobre o início do ano letivo e foi publicado na *Aurora Colegial*, órgão dos alunos do Colégio Anchieta, dos padres Jesuítas em Nova Friburgo; essas composições ali publicadas são os primeiros passos de CDA e precede de um mês o poema em prosa *Onda*, publicado sob o pseudônimo Wimpl em maio de 1918.

Fernando Py ainda coleta a contribuição *Maió e O Centenário*, ao todo quatro colaborações publicadas no ano de 1918¹¹. Seguem-se publicações de Drummond do ano de 1919, em número de oito, todos no *Aurora Colegial* de Nova Friburgo. Em 1920, surgem contos e crônicas em que assina o seu próprio nome recorrendo três vezes apenas ao pseudônimo CEDEÁ. Só em 1921 surgiram outros poemas em prosa desta vez com o nome civil do poeta: trata-se de *O poema dos amantes que envelheceram com o último beijo*, dedicado a J. Alphonsus e *O poema da mulher que não mais se refletia no espelho*, este dedicado ao seu irmão Altino Drummond, ambos publicados no *Diário de Minas* a 2/12 daquele ano.

No ano de 1922 aumenta consideravelmente a sua produção poética que passa ao número de dezesseis, levando-se em conta que quatro são considerados por Fernando Py poemas no sentido escrito e doze na categoria de poema em prosa, desta vez introduzindo para os primeiros o pseudônimo Manoel Fernandes da Rocha e também o de Rodrigo Tostes.

O estudo dessa época, tão importante na formação intelectual de CDA resulta bastante importante para a compreensão da sua poesia, bem como para perceber a sua paixão pela atividade jornalística que haveria de exercer toda a vida:

O jornal sempre me fascinou. Mal aprendi a ler senti-me atraído pela Gazeta de Notícias que meu pai assinava já há muito tempo. Claro que entendia muito pouco do que estava impresso, mas as gravuras coloridas em papel couché, despertavam minha atenção e, para compreender o que elas significavam, fui mergulhando no universo das letras e das



palavras. Depois descobri o Tico-Tico, para meninos, e o Fon-Fon e a Careta para adultos. Aí comecei a escrever o meu próprio jornal, manuscrito e secreto, pois tinha vergonha de mostrá-lo aos outros... Quando comecei a trabalhar profissionalmente em um jornal de Belo Horizonte, o Diário de Minas, senti que achara uma atividade do meu gosto.¹²

Assim, Iniciando sua vida intelectual com publicações em jornais, no ano de 1922, mais precisamente a primeiro de dezembro, sob o pseudônimo de Manoel Fernandes da Rocha, Carlos Drummond de Andrade publica o poema “*Sê como as torres longas e finas*”, poema de quatorze versos livres:

.....
*La [sic] – baixo a girar e registrar,
a vida tumultuosa e inútil,
a vida vertiginosa e anônima
cobre-se toda de poesia.*
.....

Manoel Fernandes da Rocha. *Sê como as Torres...*DM, 01/12/1922

É ainda através do mesmo pseudônimo que o poeta dá seqüência à sua atividade no jornal:

.....
*E a minha saudade lembra coisas
apagadas,
e lembra vozes longas e noturnas...
e o meu desconsolo dói fisicamente...*
.....

Manoel Fernandes da Rocha. *E ela não volta...* DM, 07/12/22

Em 12 de dezembro Drummond assina um poema com seu próprio nome, com elementos simbolistas e surrealistas que tanto agradariam posteriormente à poética de Murilo Mendes e Jorge de Lima:

*Altos portões de ferro!
E no desenho de vossas grades há
círculos, há curvas que se emaranham,
simbolizando perdidos anseios e fanadas
esperanças...
A campainha que do alto vos prende tem
um som agudo, metálico vibrante, como
a despertar a indolência parada de vossos sonhos.*

*Altos e belos portões, sois como guardas
envelhecidos que adormeceram para sempre...*

*E ao ranger surdo de vossos gonzos, envolve
uma procissão lenta de velhos fantasmas,
ensaiaando vagamente gestos de uma tristeza calma...*

*e o luar projeta no meio fio a sombra alongada e confusa
de vossas grades, com doçura,
com infinita doçura...*

*velas e altos portões, altos e velhos portões
dos jardins conventuais!...*

Carlos Drummond de Andrade, Ao Longo... DM, 12/12/22

Mas o pseudônimo Manoel Fernandes da Rocha irá reaparecer a 28 de dezembro:

.....
*O sol ia no alto...
Dentro e fora de mim,
floriam ritmos desconhecidos.
Penetrava-me as veias a beleza da vida.
Era como se eu nascesse naquele dia...*

.....
Manoel Fernandes da Rocha. A Beleza da Vida na Alegria das Manhãs...
DM, 28/12/22

O que se observa é uma proximidade no procedimento estético da pseudonímia, já usada em 1914 pelo grande poeta português, Fernando Pessoa, que inaugurou o modernismo em Portugal, com o segundo número da Revista Orpheu, editada em conjunto com Mário de Sá-Carneiro.

Não faltou para esse pseudônimo uma nota introdutória para registrar no ambiente literário mineiro a máscara pseudonímica drummondiana:

Inicia sua colaboração nesta coluna o sr. Manoel Fernandes da Rocha, poeta a que sorriram os moldes francos e largos da nova poesia.

(Manoel Fernandes da Rocha. Sê como as Torres Longas e Finas.
DM, 1/12/22)

Igualmente a Pessoa com relação a Álvaro de Campos, Drummond vai imputar ao pseudônimo utilizado a acepção da nova estética preservando ao autor verdadeiro de ser objeto de ataques de uma forma literária diante da qual o público ainda estivesse inseguro ou que despertasse repulsa da crítica. Maria



Zilda Ferreira Cury destaca que essa introdução tem o caráter de manifesto, no sentido de que enumera as características da nova poesia:

Ele desdenha os processos que caracterizam a técnica vulgar; nada de sílabas medidas, nem de rimas, ricas ou pobres. Não raro, foge mesmo os [sic] ritmos mais comuns, produzindo versos de um sabor absolutamente selvagem.

.....
Não lhe faremos elogios, mesmo porque é ele mesmo quem escreve esta nota...

(Manoel Fernandes da Rocha. Sê como as Torres...)

Como se observa o escritor usa do pseudônimo e faz com que o mesmo assumira a responsabilidade não só pelo poema transcrito mas, inclusive pela apresentação de si mesmo, anunciando as características da nova poesia

Drummond irá utilizar vários pseudônimos: Aldo Mendes, Alcindo Braga, Antonio Crispim, Aloísio Goulart, Aloísio Fontes, Artur Cajazeiras, Artur L. Gomes, Barba Azul, Belmiro Borba, Carlos, Carlos Alberto, Carlos Drummond, Constantino Serpa, Djalma Nobre, Domingos Brandão, Fernando Serpa Moreira, Gastão Mendes, Gato Félix, Hugo de Figueiredo, Inocêncio Raposo, Ivo Serra, Januário Bueno, Joca Dionísio, José Joaquim, José Luiz, José Maria, Júlio Azevedo, El Cabalero Sentimental, Leandro Sabóia, Luiz Esteves, Manoel Fernandes da Rocha, Manoel R. da Silva, Mário Teófilo, Mickey, Ney Miranda, O observador literário, Paulo de Freitas, Policarpo Quaresma Neto, Paulino Feijó, Rodrigo Tostes, Rui Santana, Silva Duarte, Waldo Mendonça, Wimpl.

O próprio nome do poeta é um pseudônimo, pois a forma original do registro civil era Carlos Drummond Andrade; depois for acrescentada a preposição *de*.

Nessa época Drummond gostava de publicar aforismos, especialmente na transição de 1922 a 1923. Continua, entretanto, sua atividade poética, escrevendo o poema *Na tarde cheia de doçura*, em que se mantém fiel ao pseudônimo Manoel Fernandes da Rocha:

*A menina que perdeu o pai,
a pobre menina que perdeu o pai,
debruçada à janela de sua vivenda triste,*



*de sua vivenda abandonada,
acompanha o vôo calmo e longo de uma andorinha*

*que vai
fugindo na doçura da tarde abandonada.
Pobrezinha
da menina que perdeu o pai num desastre de trens
e vestiu o corpinho com um luto triste,*

*as míseras alegrias
de uma felicidade que não virá.*

*O vôo longo de uma andorinha.
O dia, em breve morrerá.*

*Nas mesas ricas, faulhantes de cristais,
outras meninas, de corpos sem seda,
comem frutas geladas, maçãs muito vermelhas,
sob o sorriso dos pais.*

*Aquela
teve um magro jantar, e, agora, pobrememente
perfilando a sua magra sombra na janela,
fita a primeira estrela, que cintila
piscando o olho aos namorados das esquinas.*

*Rua de arrabalde,
com vultos secos de árvores,
com bichanos vadios de pelo negro,
com meninos brincando ao longo dos lampiões
com lampiões brilhando quietamente,
desconsoladamente.*

*A menina que perdeu o pai
desfaz-se na tarde-noite.*

Manoel Fernandes da Rocha, Na tarde cheia de doçura, DM, 14/01/23

No ano de 1923 Drummond publica vinte e nove poemas na imprensa sendo que oito no sentido escrito em que o considera a teoria literária e vinte e um na acepção *poema em prosa* de acordo com a visão de Fernando Py. Os títulos são os seguintes: *Na tarde Cheia de doçura...*, *O que ficou de um caderno*, *Música*, *Bem-aventurados...*, *Mãos*, *Matinal*, *Quase noturno*, *em voz baixa*, *Os três espelhos da sala abandonada*, *O homem que andou muito*, *E tu passaste...*, *A estrela*, *O poema do amor que não deseja*, *Os lábios fechados*, (*Entre parênteses...*), *Enquanto a lua sorri*, *O suave final*, *O homem das anedotas*, *A Rua solitária*, *Oferenda*, *Esperança...*, *Mulher...*, *Felicidade...*, *Poema do vento noturno*, *Sobre a arte moderna*, *Poema Gris*, *Poema do anatomista*, *Qualquer coisa...*, *Miss Margaret Flynn*, *Nota social*.



A 5 de maio desse ano, já com o seu próprio nome civil, Drummond republica o poema *Onda* que já havia sido publicado cinco anos antes em jornal editado pelo poeta Astolfo Franklin e por Altivo Drummond Andrade, irmão do poeta: assinado sob o pseudônimo Wimpl. Ele é publicado em um jornal colorido onde os colaboradores usavam pseudônimos que a banalidade considerava extravagantes; apesar de considerá-lo “brincadeira infantil”, o poeta desejou transcrevê-lo três vezes, cinco anos depois, com algumas alterações. Segundo declaração do autor é possível que tenha sido escrito em 1916, na idade de 14 anos. Para a transcrição em 1923 Drummond não faz uso do pseudônimo Wimpl que teria no inglês igualmente a significação de *onda*.

-- *Nunca lhe contaram a história da onda?*

-- *Nunca.*

-- *Pois eu lhe conto a história da onda...*

Ela veio muito mansa, espreguiçar-se na praia, numa corrida dolente. Parecia o corpo parecia a alma de uma mulher. Era imensamente triste. E foi rolando sobre a areia, rolando... Perto, subia uma árvore, onde folhas secas punham olheiras de tísica. A onda beijou-a longamente, num beijo de gaze de espuma... A árvore, então derramou duas lágrimas verdes que a onda levou...

-- *Só?*

-- *Pois o senhor acha pouco, homem insaciável?!*

Carlos Drummond, Onda, DM, 05/05/1923

No dia 9 desse mesmo mês, o poeta continua a exercitar e publicar poemas distantes da rima e da metrificacão: é a vez de *Bem-aventurados*, que faz uma analogia entre o louco, o poeta e a criança, portadores de uma ótica diferenciada do mundo, uma percepção fora das convenções:

Bem-aventurados os loucos, as crianças e os poetas... Os loucos compreendem a vida; as crianças vivem-na; os poetas cantam-na; E todos eles conhecem a felicidade...

.....

Bem-aventurados os loucos, as crianças e os poetas...

... São infinitamente felizes... Anestesiaram a ambição. A vida para eles é como um palácio de portas escancaradas. Percorrem-no todo, adormecendo os passos na volúpia macia dos tapetes. Vagueiam pelos grandes salões maravilhosos, onde faisca o silêncio dos espelhos.

(Bem-aventurados) DM, 09/05/23

O trabalho realizado por Maria Zilda Ferreira Cury, no que se constituiu sua tese de doutorado transcreve fragmentos desse material poético anterior à estréia do poeta em livro. Permite-nos observar, no dia 18 de maio o surgimento de mais um poema ligado à concepção simbolista:

*Se elas pousassem nos meus cabelos,
esbanjadoras de ternura, e se eu as beijasse...
Tão brancas... É como se guardasse a
alma
do branco... Dir-se-iam fugidias da página
castas de um missal... Cheiram a lírios...
são
lírios de carne, abertos sobre o meu
destino
como
uma bênção...*

Mãos, DM, 18/05/23

Será ainda dentro dessa mesma atmosfera que iremos encontrar, a 22 de agosto desse ano, o poema *Suave Final*:

*Nessa tarde terás os olhos enxutos
e a alma alegre de um pássaro...
Tocarás ao piano qualquer coisa
que seja suave como a tua voz...
.....
E cantarás qualquer coisa suave...

Eu hei de perder-me na noite
com os ouvidos cheios dessa música,
e desse canto.
Hei de perder-me, na distância,
Hei de perder-me, na distância para
sempre...*

Drummond, Suave Final, DM, 22/08/23

Outro poema em prosa surge no dia 25, em que o poeta reflete sobre a visão das árvores, quase que ao modo surrealista:

*Pobres árvores, as desta rua deserta, troncos que um sofrimento mudo
torna mais hirtas que um vento frio sacode como cabelos!
.....
Dir-se-iam árvores que pensam na vida e outras fatalidades de mau
gosto...*

Drummond, A Rua, DN, 25/08/1923



A característica urbana que haveria de estar presente em muitos dos poemas de Carlos Drummond de Andrade se destaca em *Quando ela passou por mim*:

Um esquivo minuto de perfeição... Eu vivi esse minuto quando ela passou por mim. Homens corriam, homens voltavam; tudo era breve e ruidoso, tudo era humano e vulgar... Bruscamente ela passou por mim, roçando o seu corpo aos meus sentidos... senti um estremecimento na rua; mas o meu ser permaneceu íntegro – a rua convulsionou-se, homens rolaram uns por cima dos outros -, permaneceu íntegro, quando ela passou por mim...

Carlos Drummond, Quando ela passou por mim, DM, 23/01/1924

A simplicidade da vida do subúrbio e das cidades pequenas, a exemplo de alguns poemas de Manoel Bandeira, atrai a expressão drummondiana o que se pode deduzir quando da leitura de *Longe do asfalto*:

A Mário Mattos

*Poesia dos arrabaldes humildes,
das ruas pobres
das ruas velhas e solitárias...
Os muros têm sono...
E têm histórias de amor para contar
às pedras, numa conversa silenciosa,
sob a paz verde das árvores...*

Papagaios.

*Minha vizinha convalescente
contempla a vida, pela janela
com olhos de uma doçura transparente.*

Vermelho – azul – amarelo – cor-de-rosa.

*Há uma festa de trepadeiras subindo
cercando as hortas e os jardins
e confusamente se emaranhando.
Meninos atiram pedras nos lampiões,
e, nos lampiões,
sorri o olho tímido do gás...*

A tarde murchou como uma trepadeira

E o gás sorri, timidamente...

Longe do Asfalto, DM, 27/01/24



O humor de muitas das produções do poeta mineiro, com o sentido de *blague*, vamos encontrar em *História Elétrica*, antecipação do poema piada, preconizado pela plataforma modernista:

Ele animara as visões sutis do bailado, mas era tão calmo e tão duro vestia um frac tão negro, que o não tocara a magia daqueles instantes rápidos. E quando ele se virou para o lado, a pedir-me um cigarro e uma caixa de fósforos o que eu lhe dei numa loucura vertiginosa foram 5 tiros de revólver, sim, 4 ou 5 tiros, não me lembro bem!

-- ?!...

-- *Perdão, não foi exatamente isso, eu tive vontade. Mas não é verdade que ele os merecia?*

História Elétrica, DM, 25/07/24

Algumas temáticas nacionalistas tiveram abordagem lírica por Carlos Drummond de Andrade, como *Sertão melancólico*:

*Melancolia das cousas paradas,
do céu muito azul e da terra muito verde,
na tortura do sol a pino!*

*Melancolia do canto das cigarras,
num rechino doente e desesperançado,
do vôo dos pássaros aflitos,
da saudade das sombras humanas...*

Sertão melancólico, DM, 31/07/24

A oscilação entre o radicalismo das vanguardas do início do século e a frequência de traços simbolistas estarão unidas a uma rejeição da rima que às vezes não predomina, como no poema *A Voz de um destino solitário*:

*Vesti de lírios meu pensamento,
coroei de rosas minha imaginação,
e num gesto de encantamento,
adornei de pedras raras meu coração.*

A Voz de um destino solitário, DM, 14/10/24

O contraste entre a atmosfera romântica e o impacto da modernidade já pode ser visto em poemas como *Serenata*, publicado logo no início de 1925:

*E as estrelas e os vagabundos...
Liricamente, pelas esquinas
Os violões choram... Velho tema!
E sobre o casario adormecido,*



*lentamente,
vai ondulando a angústia dos violões.*

*Cigarras noturnas, homens tristes...
Uma janela aberta, um quadrado amarelo
na noite muito azul... Os violões românticos
têm mais desejo e mais saudade
e mais amor.*

*Um auto passa: Fon-fon! Fon-fon!
E cada vez mais triste, os violões...*

Serenata, DM, 18/01/25

Era uma característica do modernismo o fascínio pela cidade grande. Em poema escrito em 1925 para publicação em *A Revista*, o mineiro Drummond se rende à grandeza do mar do Rio de Janeiro:

*Foi no Rio
eu passeava na Avenida quase meia noite
bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis
havia a promessa do mar
e bondes tilintavam
abafando o calor
que soprava no vento
e o vento vinha de Minas*

*Meus paralíticos sonhos desgosto de viver
a vida para mim é vontade de morrer
faziam de mim homem realejo imperturbavelmente
na Galeria Cruzeiro quente quente
e como não conhecia ninguém a não ser o doce vento
nenhuma vontade de beber eu disse acabemos com isto.*

*Mas tremia na cidade uma fascinação casas compridas
autos abertos correndo caminho do mar
voluptuosidade errante do calor
mil presentes da vida aos homens indiferentes
que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis choraram.*

*O mar batia em meu peito, já não batia no cais.
A rua acabou, quede as árvores? a cidade sou eu
a cidade sou eu
sou eu a cidade
meu amor.*

Coração numeroso, 1925

Em fevereiro de 1925 a atmosfera simbolista chega às fronteiras do surrealismo, como por exemplo no poema *A noite entre os enigmas*:



Passei a noite entre os enigmas. E volto desesperançado. Havia um, em forma de X, que deslizava entre meus dedos, com malícia e sorria zombeteiramente, murmurando “Ó pálido charadista! Como ele se aborrece!” [...] Mais uma noite fora da razão, que manda passar as noites sobre macias almofadas, cingindo a uma deliciosa mulher! No meu leito vazio, as rugas das cobertas são melancolias, e parecem chorar a ausência de corpo de seda, eleito entre os mais. Vagam pelas paredes os últimos fantasmas da minha noite de inquérito ao desconhecido. E na sombra, eu percebo ainda a face zombeteira dos enigmas, -- e no espelho, percebo a minha face desesperadamente pálida, pálida como a face dos mortos, e presa às correntes de sua desesperação!

A noite entre os Enigmas, DM, 10/02/25

Nesse ano de 1925 publica ainda, em fevereiro *A história de duas mãos*, poema elogiado por Mário de Andrade; seus dois últimos poemas publicados nesse ano têm em comum a temática do *gauche*, do *Pierrô abandonado*, como em *Pierrô patológico*:

*De alegre que era, Pierrô
passou a ser como um fantasma.
Creio que alguém o abandonou,
e ele anda agora adoidado e tristonho,
com crises periódicas de asma.*

Pierrô Patológico, DM, 20/02/25

*Dentro,
Pierrot bêbedo de éter
e absurdamente desvairado,
quer Colombina, a desejá-la
num desejo de todos os sentidos.*

*E Colombina a distanciar-se
na fuga de tudo, pela sala...
Tudo se afasta de Pierrot,
abandonado no “divã”!*

*há um Arlequim em cada esquina,
e a noite cheia de pecado,
vara as mulheres de delírio.*

*E no inferno desse carnaval,
exausto, branco, supliciado,
morre Pierrot*

O último Pierrô



Notas:

¹ CURY, Maria Zilda Ferreira. Horizontes Modernistas, o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal. Belo Horizonte: Autentica Editora, 1998.

² Idem, Orelhas.

³ WILLEMART, Philippe. O Prototexto: Edição crítica e gênese do texto. *Folha de São Paulo*, 29 de abril de 1984 (Caderno *Folhetim*)

⁴ CURY, Maria Zilda Ferreira. A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. *Manuscritica*. São Paulo: Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário. APML, n° 4, dezembro de 1993.

⁵ CURY, Maria Zilda Ferreira. Ob. cit. pág. 9.

⁶ Idem, pág. 11.

⁷ Idem, pág. 21

⁸ Idem, pág. 25

⁹ WILLEMART, Philippe, *Bastidores da Criação Literária*, São Paulo: Editora Iluminuras, 1999 e *Universo da Criação Literária*, São Paulo: Edusp, 1993.

¹⁰ PY, Fernando. *Bibliografia Comentada de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980; idem, 2ª Edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002.

¹¹ PY, Fernando. *Bibliografia Comentada de Carlos Drummond de Andrade*: Rio de Janeiro: José Olympio, 1980 . págs. 11 e 12

¹² Idem, pág. 90